MARAVALHA

Romance

FERNANDO TARGINO DA CUNHA

Dedico este livros aos meus familiares e amigos que sempre me deram força e apoiam para continuar nessa jornada de escrever um bom romance que seja do gosto de todas as classes sociais.

No ano de 1930, aqui na Paraíba era um ano muito conturbado para os coronéis e donos de engenhos cana de açúcar, rapadura, cachaça funcionava a todo vapor, no sul do país surgia um movimento revolucionário onde o estado maior do Brasil queria ficar independente e foram muitos agitos na área política e administrativa, os governantes governava com os nervos a flor da pele, os senhorios de engenhos temia que esse movimento tomasse conta do país mais o exercito saiu as ruas e fecharam vários estabelecimentos comerciais. Nos engenhos os donos escondiam o açúcar aguardando o aumento por que tudo estava parado e a inflação galopante assolava o país. As tropas federais estavam todas em alerta nos vários estados do país aguardando a hora de marcharem em direção ao sul. No engenho Maravalha as irmãs Cecilia, Judite e Elisa cresciam muito lindas que era o orgulho dos pais as meninas eram criadas dentro dos princípios dos pais. Seu Jonas e dona Firmina eram felizes com suas filhas mais por outro lado não entendiam por que não nasceu um filho homem para suceder o pai, as meninas eram queridas mais para o pai faltava o filho homem e as meninas eram educadas pela própria mãe que era alfabetizada e como era difícil mandá-las para estudar longe na capital aprendia em casa ensinada pelos pais. A filha mais velhas de seu Jonas, era a Cecilia uma menina muito educada

e devota gostava de ir a igreja todos finais de semana para assistir a missa, a Judite era uma menina meiga, muito calada gostava de copiar versos depois que aprendeu escrever e ler era o orgulho da mãe em sabedoria pois aprendia com muita facilidade e a caçula chamava Elisa e era a mais endiabrada não deixava ninguém quieta em casa e onde quer que fosse gostava de arremedar as pessoas fossem novo ou velho, ela tinha ódio da irmã que sabia ler e ela não tinha nenhum interesse em aprender o ABC. Seus pais que casaram e vieram morar no engenho ainda jovem não tiveram oportunidade de estudar apenas dona Firmina ela foi interna em colégio de freira estudou. Os pais traziam professoras para ensinar os filhos no engenho era só para aprender a ler alguma coisa e já estava bom. Seu Jonas era ciumento com as filhas e não tinha interesse que as filhas aprendessem para não mandar recadinho escrito para quando arrumasse namorado. E certa vez Judite teve a ideia de chamar as meninas filhas dos moradores para mostrar os seus versos e para que elas aprendessem também a fazer os seus versos, e era uma brincadeira muito divertida. As meninas se juntavam na cocheira e se sentavam no cocho, essa cocheira ficava perto do bueiro do engenho, e nesse no dia que o gado estava na cocheira e os cochos com água. E quando as meninas

começaram a chegar cada uma mais matuta que a outra e envergonhada, Judite era uma menina muito sabida e tratou logo de fazer amizade com elas e assim foram se chegando e Judite falou que fazer versos é muito bonito mais as meninas nunca tinham ouvido falar dessas coisas. E Judite chamou atenção para os versos que ela ia recitar por que queriam a opinião de cada uma e começo: “Em cima daquela árvore,

tem um ninho de periquito,

O filho de Zefa Cajá é um rapaz muito bonito”

E as meninas caíram na risada, disse as meninas que Judite estava apaixonada para falar do rapaz assim. E Judite tentou explicar a questão do verso que era para fazer rima.

- Olhe vocês eu não gosto de ninguém ainda só quando eu crescer e minha mãe deixar.

E Judite pediu mais atenção que ia dizer outro verso.

“ A rio onde tomamos banho,

a sua água não é doce,

beijo de língua

é salgado, Mais mesmo assim não temos nojo”

E as meninas não resistiram e caíram na risada novamente e estava deixando Judite encabulada.

E Judite ainda não sabia o nome das meninas e saiu perguntando uma a uma seu nome e eram elas: Zezita, Rosinha, Ritinha, Bebé e Lilica.

E Judite pediu que Zezita fizesse uma rima em verso para ver como ela se saiu.

“Ainda não sou moça,
Para falar de namoro,
Mais quando eu ficar mais grande,
Eu vou beijar todos.”

- Muito bem! – Disse Judite.

E Zezita ficou toda querendo se assanhar pois tinha perdido o medo de falar em voz alta. E as meninas depois de ver Zezita falar seus versos começou a se interessar pela brincadeira.

E Judite pediu as meninas que começasse fazer os seus versos e aquela que não sabe escrever pelo menos decorasse um para falar no próximo encontro. E Lilica se ofereceu para falar um versos que tinha decorado.

“Eu sou tão pequenininha,
Do tamanho de um botão,
Carrego papai no bolso

E mamãe no coração”

As outras meninas foram logos dizendo essa não vale todas nós conhecemos.

E Judite se interveio dizendo que valia sim desde que ela tenha falado com o coração e como ela teve a coragem de dizer

E sem entender no Engenho Maravalha Elisa a mais curiosa das filhas de seu Henrique pensou consigo mesma ainda pergunto a ela própria. E voltou para suas irmãs como Judite gostava de poesias e já escrevia em uma caderneta dessa de anotações como livro de ponto dos trabalhadores do engenho. E certa vez Isabel a mais endiabrada das criaturas disse consigo mesmo ainda rasgo esse caderninho de Judite. Ela lia alguma coisa mais muito pouco entendia, tinha preguiça de aprender, não gostava de leitura por que tinha que soletrar a palavra e achava aquilo muito chato. E por outro lado Cecília muito apegada a mãe não ligava muito para as meninices da irmã, mais adorava a irmã Judite.

Cecília era uma menina muito devota não perdia uma missa mais a mãe e gostava de atocaiar todo fins de semana para ver o padre passar e tomar a bênção, o padre vinha no seu cavalo vindo do Pilar para dizer a missa em São Miguel, em dia de chuva o padre vinha de charrete, quando ele vinha do Pilar vinha pelo outro lado do rio e passava em frente do engenho

Maravalha para São Miguel, por que o caminha era pela várzea. Quando o engenho moia nos finais de semana o mel e caldo de cana de açucar era liberado para quem quisesse pegar, mais nos outros dia não era permitido, no engenho era comum moer de segunda à sexta-feira algumas vezes moia ao sábado, na segunda feira a moagem começava ao meio dia depois que a cana era cortada em cambiada para o engenho pelos burros e carros de bois que pegava de seis as seis para no outro dia não faltar cana. O bagaço da cana de açúcar era espalhado no pátio por trás da Casa Grande bem na subida da mata do chapéu e no final de semana era armazenado em um grande galpão para que chovesse a fornalha não parava de queimar. As meninas, já ficando mocinhas seu Jonas ficava só observando a belezoca de cada uma e as meninas crescia lindas como a alvura dos balcões de areia de dentro do rio nas noite de lua cheia que dava gosto ficar olhando da janela da casa grande já que era bem próxima do rio.

E Judite manda chamar as meninas dos moradores que moravam próximas ao engenho para uma rodada de poesias e prosas, sempre brincavam na cocheira onde não tinha gado comendo e sentadas no cocho começava a brincadeira e sempre Judite abriu com os seus versos para incentivar as outras e ficavam todas prestando bastante atenção.

“Vejo a lua lá no céu à noite.
Vejo o céu cheio de estrela,
Vejo um menino muito lindo
“Acendendo uma grande fogueira”

As meninas foram unânimes em dizer que era linda e queria saber da onde ela tirou aqueles versos e Judite disse não tirei de ninguém fui eu mesma que fiz. E pediu silencio que ia dizer outro:

“Meu canarinho de chão é amarelinho
Minha gaiola é o seu lar
Seu canto para ele é tudo
Que suspira só em li olhar.”[1]

E Judite deu uma pausa para ouvir os comentários das amigas algumas chegou a dizer que alguém muito especial estava ensinado Judite com esses versos.

E é chegada a vez da próxima dizer os seus versos e Judite era quem apontava quem ia dizer o verso e mandou Zezinha.

“Menino não me olhe assim,
Que eu fico toda encabulada
Sonho com você todos os dias.
Mais você nunca me “diz nada.”

Parabéns! Disse Judite e comentou com as outras sobre o versos de Zezinha que era muito bonito e pediu apara ela fazer verso mais longo que ficava lindo. E Chega vez de Ritinha de Deodato;

“Vou à mata todas as semanas
Tirar lenha para fogueira
Quando não vou fico triste
Por que é mais um dia que não ti vejo
Fico de casa olhando para mata
“Para tiver chegando ao aceiro”.

É um pouco esquisita essa tua poesias mais é inteligente comentou Judite com as meninas, eu também achei disse Zezinha. E chega a vez de Lilica de dona Chica. Enquanto isso Isabel desconfia da brincadeira da irmã que sai sem chamá-la e resolver dá uma investigada para ver o que está se passando e chega mesmo na hora em que Lilica começava a dizer a sua poesia foi quando ela ouviu.

´ Gosto de um menino louro
Que o chama de galego de água doce
Quando ele me ver se encher todo
Acenando para me olhar
Quando eu olho me manda um beijo

Fico sem graça finjo não escutar.”

E quando Elisa percebe que ela acabou se intromete nos versos das meninas-

- Há é isso que vocês fazem aqui falando de macho não é bichinha! Vou dizer a mãe.

- Deixe de ser boba sua besta! Disse Judite já se irritando com a irmã, você não ver que estamos dizendo versos de brincadeira.

E a brincadeira das meninas nesse dia chegou ao fim e as que ainda faltava dizer seus versos brincava outro dia quando Elisa estiver por longe disse Judite. E faltavam os versos de Rosinha e Bebé de Olívio.

Mesmo sem continuar a brincadeira Elisa ameaçou contar para o pai o tipo de poesias que tinha ouvido e assim fez. Seu Jonas quando soube, disse então essa brincadeira na cocheira era para essas coisas. E Judite tentou explicar para o pai mostrando a sua caderneta de versos e alguns rascunhos dos versos das amigas.

- minha filha você ainda está nova demais para falar essas coisas de namorar.

- não papai, as nossas brincadeiras não são para falar de namorado é para que as minhas amigas aprendam a formas versos e sai quando um tão lindo só o senhor vendo.